

# «UNDERGROUND»

por JOSÉ CARDOSO PIRES

**Acanhada e poeirenta, livraria de uma porta só, a Indica é uma das estações terminos do underground cultural londrino. Mike Cutler, um Cristo pagão de longa cabeleira ruiva, está lá num cubículo, enfiado em facturas, cartazes de parede e recordações bolivianas. Conhece o meio mundo que vai de Chalk Farm ao Canadá, a Amsterdam, a San Francisco ou à Meca (hippie) do Nepal, com todas as ligações underground de permeio, sem esquecer Ibiza, no Verão. Escreve «América» com um k: Amerika — como se o k valesse por uma suástica, e certa vez, num grupo reunido à volta das mesas povoadas de folhetos copiografados, de livros-colagem e de poesia-objecto, perguntou:**

— Hippie? Algum de você é capaz de dizer o que isso é, *men*?

Mike Cutler não usa de silêncios místicos nem de indiferenças agressivas. Circula por todo aquele arsenal de vanguarda que é a Indica como um estalajadeiro conversador, e isto com um gracejo sempre à mão ou uma referência para citar. Está certo com a casa, que é desordenada mas prestável: quem precisa de alojamento, de companhia para uma viagem em auto-«stop» ou de qualquer solução de emergência, vai ali e espeta o anúncio numa parede. Quem escreve um poema faz o mesmo: põe-no bem à vista e espera pelas críticas. Na Indica estão os ecos do campus de Berkeley e as linhas do Vietnam, os manifestos da alimentação macrobiótica e as arengas de Timothy Leary: Mailer em livro de bolso, Miriam Makeba e Tariq Ali em cartazes de todo o tamanho.

## COCA-COLA OU NÃO

Mike Cutler, gracejando:

— O «hip» é coca-cola num «cocktail molotov».

Registei a frase. Iria encontrá-la mais tarde, traduzida no enredo de um filme de John Fonda (*Easy Rider*) e, ultimamente, ilustrada em sentido inverso no admirável *Zabriskie Point*, de Antonioni, onde se demonstra que, à margem dos «hippies», a garrafa de coca-cola contém matéria explosiva. E assim as definições contraditórias encontram-se num mesmo ponto: a evasão à sociedade de consumo.

Num ensaio recente (*Paterfamilias: Ginsberg in America*) Jean Kramer escreve que «não há nada que uma técnica de lucro, cientificamente aperfeiçoada como a nossa, não saiba expropriar (...) inclusivamente o lixo que se tornou motivo de greves por ser um negócio especulativo». O que, por extensão, leva a aceitar que uma sociedade premissiva acaba mais tarde ou mais cedo por se apropriar e explorar como indústria os emblemas de uma juventude que a renega.

A grande contradição, a aliena-

ção final, está aí. Os filhos da Coca-Cola e de McLuhan, em plena marcha da desmistificação do paternalismo e do consumo, transformam-se, eles próprios, em consumidores e agentes de expansão de um novo mercado que foi sugerido pelas suas expressões de contestação e que traz novas e fabulosas receitas ao império comercial estabelecido. Os primeiros restaurantes macrobióticos começam a surgir como resposta à nova teoria da juventude: as «boutiques hippies» multiplicam-se por todo o mundo;

Destituir a imagem do seu contexto ajustado corresponde a aliená-la — e foi isso que a diversos graus os tecnocratas da promoção de mercados aplicaram em relação aos rebeldes da civilização urbana. Uma subcultura, uma «hippie»-cultura que, a princípio, se esboçou como manifestação contra o imobilismo social e contra o academismo, veio a reduzir-se a «slogans» de moda ou a estagnar-se em fetichismos que o oportunismo comercial rapidamente explorou moral e economicamente.

## A DUPLA FACE

A identificação do «hippie» com o «underground» corresponde a uma deturpação a que a sociedade sobredesenvolvida dá uma larga e conveniente divulgação. O primeiro será, quando muito, uma exteriorização do segundo, a superfície formal. Mas na essência conservar-se-á como um *easy rider* que se afasta voluntariamente de um esquema de vida condicionado por pressões de paternalismo e de consumo, actuando como um exilado do interior que evita as colíções com as estruturas que o limitam. (Bertrand Russel, ao analisar a correspondência social Sexo-Paternidade. Já tinha sugerido algumas tendências de comportamento que os rebeldes de agora viriam a assumir...)

A mensagem é elementar. Reduz-se ao princípio de Rousseau da bondade natural contra a civilização corrosiva. O nosso Eça já

tinha dito o mesmo e andou, como se sabe, aos balançaos cautelosos entre a cidade e as serras...

Esta oposição que em *Easy Rider* se transcende por certo halo metafórico (a planície como sinónimo de pureza inicial, de liberdade) tem servido de tema a muitas obras que não subscrevem uma apologia «hippie» — *Midnight Cowboy*, por exemplo. O problema é ainda, e uma vez mais, a contestação de uma sociedade urbana. Como o é, indirectamente, o *Zabriskie Point*, esse outro ponto de fuga, esse deserto lá longe dos cartazes de consumo e da brutalidade organizada das cidades, onde os dois jovens encontram o minuto da verdade

Mas enquanto o «hippie», na mais pura acepção do seu comportamento, se limita a isolar-se do *establishment*, a demandar a natureza essencial, o *underground* propõe uma intervenção continua, uma fricção constante com a sociedade. Nada de renúncia, de exílios passivos: antes uma presença *underground*, activa e a todos os níveis. É isso que distingue um Edridge Clever e mesmo um Ginsberg do parnasiano Timothy Leary. É isso também que no confucionismo da imprensa marginal faz destacar *The Red Mole*, *The Black Dwarf* e, até, o híbrido *It* de toda a linha de periódicos rebeldes (*Oz*, *Slicker*, *Hippie*, *Blasta Off*, etc.) que se confinam ao protesto do sexo e da droga.

O caminho já tinha sido aberto há anos pela internacionalmente famosa *Round House*; aqui, no bairro de Chalk Farm, o *Living Theatre*, os *Bread and Butter Puppets*, *The Theatre Act* e tantas outras companhias desmistificadoras do espectáculo e do tempo encontraram na *Round House* o grande incentivo para a sua promoção. Ao mesmo tempo as leituras públicas, as exposições e os festivais mistos fomentaram uma extensa e participante audiência que, evidentemente, não tem no Karma, no sonho oriental, a meta das suas aspirações.

Para esta enorme massa de londrinos o *acid trip* não é grande viagem para escapar ao mundo desumanizado. E precisamente porque permanece, e sonda, e desmistifica os alicerces da cidade é que se chama *underground*.

Londres, Junho de 1970.

*José Cardoso Pires*